

Introdução

Marcada por agitações políticas e culturais, a década de 1920, no Brasil, caracterizou-se por um intenso movimento intelectual. Os acontecimentos que definiram aquela realidade despertaram um profícuo debate sobre a situação do país, o que motivou uma densa produção cultural. Os letrados, ao suscitar questões singulares sobre a nossa nacionalidade, eram seduzidos a criar um saber próprio sobre a nação. Surgia o modernismo, que diagnosticava as mazelas brasileiras e, como receita de cura, propunha a inserção do país nos paradigmas da modernidade.

Como um movimento literário, o modernismo não se furtou em participar dos debates políticos. Tinha um projeto com metas definidas que, apesar das diferentes manifestações, chegavam a um lugar comum: a redefinição da identidade cultural do país. Reconstruir a nação, uma tarefa especialmente urgente nas vésperas da comemoração do Centenário da Independência, era a pauta usual nos diversos “modernismos” que surgiram pelo país.

Em nossa pesquisa debruçamo-nos sobre às manifestações fluminenses. O movimento que denominamos de “modernismo fluminense” será estudado neste trabalho a partir do periódico *A Revista*¹, que circulou na capital do antigo Estado do Rio de Janeiro entre os anos de 1919 e 1923. Por meio desse veículo, a intelectualidade fluminense buscou realocar-se no panorama nacional, através das discussões sobre a brasilidade. Nesse sentido, procuraram uma identidade para o seu grupo, ao tentar estabelecer uma outra imagem para o estado, por meio do nacionalismo e da divulgação de um discurso modernista.

Ao investigar as agremiações das letras fluminenses no início do século XX, em busca de fontes para o nosso estudo, observamos que sua produção cultural não ficou isolada em um contexto histórico específico. Ainda hoje, percebemos uma geração de pensamentos em torno do cenário do Estado do Rio de Janeiro, o que revela que as discussões sobre a cultura fluminense de *A Revista* deixou legados para a atual vida literária do estado.

No exame dos periódicos e anais de instituições intelectuais que foram contemporâneas ao nosso objeto e que mantém suas atividades até hoje,

¹ Sempre que nos referirmos à esse periódico ele será representado com as iniciais maiúsculas e em itálico, a fim de deixar clara a diferença de uso do substantivo “revista”.

encontramos na Revista do Cenáculo Fluminense de Letras e História, publicada em 2005, uma poesia que assume um discurso que nos remete aos modernistas de *A Revista*. Vejamos o poema Assim é Niterói, de Hulda Rabelo, nessa edição.

Aqui estou minha gente!
 Gente boa hospitaleira.
Sou forasteira, bem sei
 Mas também sou brasileira.
 Eu ouvi falar algures
 Desta terra benfazeja.
 Decidi – Vou conferir!
 – É meu direito!... Ora veja...

Aqui ao adentrar,
 Trouxe bens inestimáveis:
 Coragem pra trabalhar
 E filhos: CINCO! Adoráveis!...
 Tivemos boa acolhida
 Ficamos bem à vontade
 Só uma coisa dóia:
 Da nossa terra, a saudade.

Vim com fé e a coragem
 Com a força que Deus dá.
 Quarenta anos já se vão
 Pois aqui vim para ficar.
 Como se diz lá em Minas,
 Vim de vez – “de mala e cuia”.
 Deus me trouxe a essa terra
 E eu hoje canto: “ALELUIA”!!!

Não vim assim de tão longe...
 Minas–Rio, vizinhos são
 A ponto de confundir-se
 No pulsar do coração.
 Descerrei hoje os meus lábios
 Com a mais tenra emoção
 Para falar para você,
 NITERÓI... Real canção...!

Comungo com o teu sorriso
 Com a tua beleza sem par
 Com a sinfonia das ondas
 Na areia branca do mar.
 A beleza natural
 É o forte dessa terra.
 Vê-se que a mão Divinal
 Nessas paisagens se encerra.

Admiro-te a nobreza
 Oh! Terra de Araribóia!
 Pois ostentas com orgulho
 Teu acervo, tua história.

Pugnas pela moral,
Civismo e dignidade.
Fatos e fotos destacas
Com rara autenticidade.

Da República em foco
Personagens destacáveis!
Nilo Peçanha, Varela,
Dom Agostinho e Portela.
Nilton Braga, Vasco Cinquini,
Bussai, Ribeiro e Negrão,
Sodré e outros tantos
Dignos de celebração.

Prolonguei-me. Me perdoem...
Excedi no entusiasmo.
Quem sabe até cometi
Mais de um pleonasma
Contudo volto a afirmar:
Niterói é um celeiro
De cultura e intrepidez.
No seu mais recente acervo,
A NATA da honradez.

Muitos ainda atuantes
Constroem um novo painel.
Personagens respeitáveis
Cada um no seu papel.
Aos de saudosa lembrança,
Homenagens permanentes!
Seus nomes, feitos, valores,
São fatos recrudescentes!

Nesse celeiro de fama,
Nominatas a valer!
Tudo é belo! É deslumbrante!
Tudo nos dá prazer.
Niterói é tudo isso
E mais que isso ela é.
Cresce dia após dia
Não anda de marcha à ré.

Complementando a homenagem
Que flui do meu coração,
Confiro à “CIDADE SORRISO”
Toda minha afeição.
Amo essa TERRA, essa GENTE!
Sinto-me filha também.
Aqui estou, daqui não saio!...
Que os anjos digam: – “AMÉM”!...
(os grifos em itálico são meus)

O texto, apesar de atual, remonta muitos dos argumentos que os homens de letras de *A Revista* estavam comprometidos. A afirmação de uma imagem para os

fluminenses, tendo como ícone a antiga capital, Niterói; o destaque da cidade, por sua história e seus filhos ilustres; o constante desenvolvimento; os traços da identidade e da qualidade moral da sua população – mostram-se, ainda, presentes. A autora, apesar de não ter nascido na cidade, cria seus laços de afetividade nessa, e é aí que ela se reconhece como intelectual.²

As temáticas que a poesia apresenta são semelhantes ao quadro de assuntos presente em *A Revista*, e tangenciam as prerrogativas do modernismo fluminense. Enquanto mobilização artística, esse último não se identificou com a busca por uma nova estética, nem com o rompimento com as correntes de pensamento que o antecederam, nem eram de vanguarda. A aceção de um projeto modernista para o Estado do Rio, segundo o periódico, passava pelo nacionalismo, pela valorização do local, pelo estímulo às artes e à intensificação literária, pela educação. Demonstrar o progresso de Niterói, e por consequência de todo o território fluminense era exhibir a modernidade como algo intrínseco, real, integrante de uma nova representação do estado diante da nação.

Por isso, o presente trabalho tem por objetivo analisar a fundação desse periódico, ao buscar compreender a sua atuação como um veículo de propostas modernizantes para o Estado do Rio de Janeiro e para a nação. Ponderaremos sobre a importância do discurso proposto por esses letrados, avaliaremos a constituição desse grupo para entender *A Revista* e seus locais de sociabilidades. Ao pensarmos como essas discussões locais se projetam para o âmbito nacional, percebemos a construção de uma identidade cultural para os fluminenses, que articulou um reposicionamento de maior relevância para seus arquétipos, em uma conjuntura de reformulação da nacionalidade brasileira durante a Primeira República.

Ao escolher esse tema, propomos uma avaliação das questões culturais em um momento histórico marcado pelas discussões políticas. A Primeira República, período lembrado nos livros escolares pela pouca de participação popular, pela dificuldade de acesso à cidadania e pelo domínio da máquina estatal pelas

² Hulda Rabelo é servidora pública do Estado do Rio e acadêmica do Cenáculo Fluminense de História e Letras, onde ocupa a cadeira 21, cujo patrono é Raul de Leoni. O Cenáculo Fluminense surgiu em 1º de setembro de 1923, quando um grupo de intelectuais, que se reunia no Café Paris, resolveu institucionalizar suas discussões em torno de uma academia literária. As reuniões do Cenáculo acontecem, até hoje, na Rua Amaral Peixoto 171/403 ou na Biblioteca Pública da Niterói, ambos situados no centro dessa cidade.

oligarquias³, fez-nos amadurecer a idéia de um outro olhar, de uma história social da cultura, que ganha cada vez mais destaque na historiografia brasileira.⁴ Os questionamentos que pretendemos desenvolver no nosso estudo pensa os intelectuais como atores políticos nesse contexto da história brasileira. Eles estabeleceram estilos de pensamento e esboçaram marcos na reflexão sobre a questão da nacionalidade, contribuindo para a compreensão das primeiras décadas republicanas.

Somado a esse propósito, está a escassez de trabalhos sobre história fluminense. A “cultura de capitalidade”⁵ exercida pela cidade do Rio de Janeiro fez com que grande parte dos estudos que se direcionam para o estado contemplem majoritariamente a antiga capital federal⁶. A história fluminense, que ainda tem muito por contar, motivou-nos, então, a uma reflexão sobre os rumos e as perspectivas acerca das discussões que pensavam âmbito do Estado do Rio no pós-Primeira Guerra Mundial. As décadas de 1910 e 1920 foram momentos de grande mobilização para a construção da nação, e que traz à tona questões cruciais referentes à movimentação intelectual e ao nacionalismo.

Nosso estudo apresenta, ainda, um aspecto singular, ao investigar o movimento modernista – fortemente vinculado às manifestações paulistas e à valorização que a Semana de Arte de 1922 alcançou, sendo esse o grande referencial para se pensar modernidade no Brasil – em uma escala micro⁷,

³ Sobre as questões de participação popular e a história política dos primeiros tempos republicanos, ver Marcelo Magalhães. **Ecos da política: A capital federal, 1892-1902**. 2004. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. 2004. E José Murilo de Carvalho. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁴ Cf. Ciro Flamarion Cardoso. História e paradigmas rivais. e Ronaldo Vainfas. História das mentalidades e história cultural. Ambos In: Ciro F. Cardoso; Ronaldo Vainfas. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. Os autores discutem essa mudança de paradigma e avaliam o espaço conquistado pela história cultural.

⁵ Esse conceito foi utilizado por Marly Motta. **Saudades da Guanabara: o campo político na cidade do Rio de Janeiro (1960-75)**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000. Ao analisar a discussão sobre a criação do Estado da Guanabara a autora argumenta sobre a imagem de cidade-capital que a cidade do Rio não desejava perder, essa “cultura de capitalidade” esteve, e ainda se perpetua, presente na memória sobre a cidade. Ver também: Margarida de S. Neves. Uma capital em trompe l’oeil. o Rio de Janeiro, cidade-capital da república velha. In: Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi; Claudia Alves; José Gonçalves Gondra. (Org.). **Educação no Brasil: história, cultura e política**. 1 ed. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2003.

⁶ Refiro-me aqui aos dois trabalhos caros para a minha pesquisa que estudam o movimento modernista carioca, são eles Ângela de Castro Gomes. **Essa gente do Rio...**, modernismo e nacionalismo, FGV, Rio de Janeiro: 1999. e Mônica Pimenta Velloso. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. FGV, Rio de Janeiro: 1996.

⁷ Sobre os jogos de escala e o uso da micro-história para compreensão de panoramas históricos ver: Carlo Ginzburg; Enrico Castelnuovo; Carlo Poni,. **A micro-historia e outros ensaios**. Lisboa:

considerando a contribuição dos fluminenses dentro dos debates culturais da Primeira República. Assim, analisaremos a atuação de um grupo de letrados diferenciados, – interioranos, oriundos dos diversos municípios do Rio de Janeiro – e que desenvolveram o projeto de *A Revista*.

Para conhecer a dinâmica desse peculiar projeto para o Estado do Rio e para sua intelectualidade, esbarramos na grande carência de fontes sobre as biografias desses fluminenses. Faltam inúmeras informações sobre os círculos que freqüentavam e suas trajetórias no mundo das letras. O exercício que fizemos para reconstituir essa conjuntura aconteceu por meio do cruzamento documental. As informações de vida e de obra, que a própria *A Revista* fornecia, com suas homenagens e seções sociais, foram relacionadas com os documentos e as fontes do acervo sobre história fluminense, que encontramos na Biblioteca Pública de Niterói, no Centro de Memória Fluminense, da UFF, e na Biblioteca Nacional.

Ao reunir esses indícios, sustentamos a nossa pesquisa por três diretrizes centrais: *a análise da proposta de A Revista*, entendendo-a como um periódico modernista; *a compreensão* das particularidades do que nomeamos de *modernismo fluminense*; e, *a reflexão sobre a identidade cultural*, que esses intelectuais se propuseram a delinear para os *fluminenses*, baseada na idéia de nacionalidade e modernidade.

A fim de caracterizar o ambiente cultural, no primeiro capítulo desse trabalho, buscamos configurar a conjuntura do pós-guerra, fazendo uma breve análise sobre a atmosfera moderna, ou seja, qual era o ambiente político, social e econômico de transformações que marcaram o início do século XX e que levaram os intelectuais a considerarem um projeto de salvação nacional. E como a revista, esse gênero de imprensa, foi importante como veículo dessas mudanças, para a divulgação do discurso que se desejava construir. Além disto, a partir de uma discussão historiográfica sobre os movimentos modernistas, estudando os cariocas e os paulistas, tentamos definir o lugar dos fluminenses nessas manifestações, refletindo em que medida o modernismo fluminense aproximou-se das linhas de pensamento desses últimos.

Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989; Carlo Ginzburg. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Além de, Jacques Revel. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

O segundo capítulo dedica-se à análise da criação e atuação de *A Revista* como propagadora das idéias modernistas, investigando sobre o seu formato e sua narrativa, os aspectos materiais e ideológicos que nos auxiliam a entender seus propósitos e sua trajetória no periodismo do Estado do Rio. Realçamos suas sensibilidades, ao esquadrihar os caminhos em direção ao moderno, ou seja, quais as coordenadas propostas por seu grupo de letrados que comporiam o discurso modernista. Por isso, analisamos o enfoque que *A Revista* dedicava à educação, ao progresso, à saúde e à política. Ao pensar sobre o porquê dessas temáticas estarem na pauta de discussão dos fluminenses, buscamos desvendar quem eram e como atuavam os intelectuais ligados ao periódico, bem como refletimos sobre a sua rede de sociabilidades e como a circulação de suas idéias está ligada ao projeto de redação de uma revista, que priorizava a construção de uma representação positiva para o estado pelo viés da modernidade.

O terceiro capítulo trata de dois momentos singulares, particularmente caros para a conjuntura estudada, porque salientavam, de maneira exacerbada, a fala modernizante de seus homens de letras. Em uma perspectiva comparada, estudaremos as edições especiais que foram publicadas em comemoração ao centenário da fundação de Niterói, em agosto de 1919, e ao centenário da independência, em outubro de 1922. Nesses dois números, discutimos como o ideal de uma nação que se quer moderna fica evidenciado nesse exame de reavaliação da trajetória de cem anos de história, em que se ressalta a importância dos fluminenses na construção da nação.